

Investimento sustentando a expansão econômica

A sustentabilidade da economia brasileira passará a depender, cada vez mais, do aumento dos investimentos privados e públicos, e cada vez menos da expansão de gastos com consumo. Isso porque começará a se esgotar em breve o limite de crescimento com base na expansão do crédito. A previsão é do economista e sócio-diretor da RC Consultores, Fabio Silveira. "Estamos às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais e ainda não sabemos a estratégia do novo governo, seja ele qual for, para atrair investimentos para o País", ressalta o economista.

Para que o crescimento da economia em 2007 seja maior que neste ano e ainda melhor em 2008, será necessário ampliar a base de consumidores internos, o que por sua vez precisa de novos investimentos produtivos. É uma bola de neve, pois é a expansão da indústria, dos serviços e da agricultura que assegura a geração de

novos postos de trabalho e o aumento a renda da população, argumenta Silveira.

Na opinião do consultor, essa questão vai muito além "daquele papo acerca da definição do marco regulatório" dos setores privatizados. "O que atrai investimentos privados de longo prazo é a percepção de lucro com a atividade produtiva", afirma o economista. Segundo ele, é preciso descobrir uma fórmula para atrair mais investimentos, priorizar os setores que serão o sustentáculo de um crescimento mais robusto e absorvedores de mão-de-obra. "Isso implica em saber, por exemplo, se vamos fortalecer a indústria automobilística ou não; se vamos continuar sendo bons exportadores de commodities, entre outras coisas."

Segundo Silveira, o aquecimento da economia obtido nos últimos três anos – embora em níveis muito aquém do desejado –, só aconteceu graças à am-

Rogério Montenegro



Silveira: novo impulso

pliação do crédito, em particular do crédito seletivo, feito para aquela parcela da população com renda relativamente assegurada. No caso, aposentados e pensionistas da Previdência Social e servidores públicos, com desconto em folha de pagamento. "O crédito pessoal foi uma alavancas importante nesse período, mas isso não chegou às empresas", constata Fabio.

Isso significa que as empresas, proporcionalmente, desembolsaram menos capital de giro e fizeram menos investimentos. Ou seja, as corporações não se sentiram animadas a ponto de modernizar seu parque produtivo e, com isso, buscar mais competitividade.

Depois de três anos de insistência na política de expansão de crédito, segundo o consultor, está chegando ao limite a capacidade de endividamento dessa parcela de consumidor. "Isso ainda não é preocupante, mas passará a ser no próximo ano, já que a base de endividamento começa a ficar sobre-carregada", enfatiza. "Essas famílias não compram um aparelho de TV e uma geladeira novas todos os anos", acrescenta, referindo-se ao aquecimento do consumo de eletrodomésticos ocorrido em decorrência do crédito consignado em folha de pagamento.

(L.L.)